

As 21 frações crescentes do primeiro vale e os 7 vales inteiros formam 28, cifra de imenso valor simbólico dentro da tradição islâmica, o número de letras do alfabeto árabe, a língua sagrada que permitiu o descendimento do Corão. Do mesmo modo, a luz do sol se reparte nas 28 mansões lunares que dividem o zodíaco, cada uma delas representando um aspecto que toma a lua em sua dança com o sol. Aritmeticamente, a virtude reconhecida do 28 é a de ser um número perfeito, isto é, ele é a soma de seus fatores ( $28 = 7 + 4 + 2 + 1$ ). De fato, ele é o único do gênero entre as dezenas.

Num nível puramente espiritual, o mapa do itinerário do homem em realização situa a sua meta, a *Haqiqah*, no centro de um conjunto de círculos, um mais interior que o outro. Porém, ao se passar ao domínio cósmico, teremos uma cartografia às avessas. Se consultarmos a geografia sagrada sobre a localização da *Haqiqah*, ela nos dirá que esta só pode ser encontrada nos confins do mundo, ou seja, na montanha Káf, que envolve anularmente a Terra, o destino da viagem dos pássaros através dos vales. Do mesmo modo, também a astrologia falará do Empíreo, o espaço de Deus, que contém em seu seio os demais céus. Nesta cosmografia, o mais longínquo horizonte aloja o mais distante passado, o horizonte extremo, é onde se encontra a primordialidade, é o local da Origem.

A idéia de Centro seria a primeira que faríamos corresponder, espacialmente, àquela de Origem. Mas no mundo em que vivemos, em que o sagrado apenas murmura, a origem encontra sua representação mais distante, na periferia das coisas. Neste mundo, se a Origem nos foge, o Fim parece pairar, carregado, sobre nossas cabeças. Cabe então lembrar que se no horizonte nascem o Sol e os demais astros, nele também se dá o seu ocaso. A borda do mundo, portanto, não só nos remete para a Origem das coisas, mas também para o seu Fim, entendido em seus dois sentidos, no de sua conclusão e no de sua destinação última.

Na circular montanha Káf, se encontram a Origem e o Fim. Ela deve então ser a sede de algo mais que Origem e Fim, algo que poderíamos chamar de Princípio. Quando se está no mundo contido por Káf, se está dentro de uma perspectiva cíclica, e então falamos de Origem e Fim. Porém em Káf vive-se o Princípio, fora dos ciclos, ou melhor, o Princípio com os ciclos por fora. Assim esta montanha, que uma topografia descreve como um anel, é a montanha polar coincidente com o *axis mundi*, em torno do qual revolvem todos os céus. Curiosa e sábia a geografia dos antigos, que não insiste em firmar a figura do mundo, mas favorece a convivência de *imagines mundi* diversas, sempre acentuando a distinção entre os planos de realidade. Um nome para Káf, para o Princípio, poderia ser *Extremo*, pois este se pode aplicar tanto ao pólo, extremamente alto, como ao horizonte, extremamente distante. Assim fazem os chineses, para quem o Princípio é *Tai-Chi*, o grande extremo, situando-o simbolicamente no pólo. Mas este é o Princípio nominável, o Princípio supremo e inominável é o *Tao*, e quando mesmo o nome se esvai estamos já adentrados à câmara do Simorg.

## PREFÁCIO

de Garcin de Tassy  
à edição francesa de 1863 (\*)

Completo hoje a publicação do texto do *Mantic uttair* com a tradução, tão literal quanto pude fazê-la para permanecer inteligível, desta produção célebre de um dos mais eminentes poetas espiritualistas da Pérsia. Não repetirei aqui o que disse sobre a obra e sobre o autor em meu memorial intitulado *A Poesia filosófica e religiosa entre os Persas, segundo o Mantic Uttair*. Apenas acrescentarei a essas informações uma peça curiosa: a inscrição tumular do monumento erigido em memória de Farid ud-Din Attar, encontrado nos arredores da vila de Nischapur por Nicolas de Khanikoff, antigo cônsul-geral da Rússia na Pérsia; a esse sábio viajante devo essa informação. Enquanto encontrava-se nessa vila, não pôde infelizmente copiar ele próprio essa inscrição, com receio de ferir os preconceitos dos nativos; seria perigoso desafiá-los. Entretanto ele encarregou seu *mirzá* dessa tarefa, que deve tê-la executado às pressas, e dessa forma de uma maneira falha e incompleta. De início, tinha conhecimento apenas dessa cópia, acompanhada da reprodução de nosso amigo comum Alex. Kasem Beg e de algumas observações do mesmo erudito, obsequiosamente traduzidas para mim do russo por Wlad. de Veliaminof-Zernof. O senhor De Khanikoff me havia dado, além disso, seu parecer sobre diversas passagens, pois ele discordava da interpretação de Kasem Beg. Tudo isso tornou-se inútil depois que o senhor De Khanikoff, descontente com nosso texto, por mais aperfeiçoado que estivesse por nosso triplo trabalho, decidiu providenciar a tomada de uma nova cópia, completa e exata desta vez.

(\*) Joseph Héliodore Sagesse-Vertu *Garcin de Tassy*, orientalista francês, nascido em Marselha a 20 de janeiro de 1794, morto em Paris a 2 de setembro de 1878. Já possuía noções de árabe, quando, em 1817, chegou a Paris para seguir o curso de Silvestre de Sacy. Sob a direção desse ilustre mestre entregou-se ao estudo do árabe e do persa, consagrando-se depois de maneira especial ao hindu, língua que ensinou durante quase 50 anos na Escola de Línguas Orientais, numa cadeira especialmente criada para ele em 1828. Eleito membro da Academia de Letras e Belas Artes em 1838, foi em seguida chamado a presidir a Sociedade Asiática e nomeado administrador adjunto da Escola de Línguas Orientais. Em 1850 começou a publicar, primeiro sob o título *Discours d'ouver-*